

UMA PSICOLOGIA ENCARNADA NA BUSCA DE OUTROS MODOS PARA PENSAR E FAZER A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: A AUTOBIOGRAFIA COMO PROJETO (AUTO)FORMATIVO

Lúcia Maria Vaz Peres, Universidade Federal de Pelotas/ BRASIL,lp2709@gmail.com
Area temática: Psicologia, educação e diversidade

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo socializar uma prática pedagógica como professora de Fundamentos da Educação, na área da psicologia, no bloco temático Práticas Educativas, no 1º semestre do Curso de Pedagogia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas/Brasil/RS). Ao longo do meu trabalho como professora formadora de futuros professores algumas perguntas vem me acompanhando: **como tocá-los efetivamente? Como sensibilizá-los a tal ponto que possam reverter as “formas” instituídas de ser professor? Como fazer para que os conteúdos da psicologia sejam incorporados?**

Diante de tais indagações, propôs um trabalho metodológico (a partir da reforma curricular de 2000) no sentido de acordar as crianças que foram, para posteriormente, sensibilizarem-se com a criança que irão trabalhar. Tem como referencial teórico principal os estudos autobiográficos preconizados pela pesquisadora Suíça, Marie-Christine Josso (2004), sobre as histórias de vida em formação e, pela noção de biografização, proposta por Christine Delory-Momberger (2008). A partir destas autoras venho buscando uma psicologia viva e encarnada através da qual poderemos nos apropriar de mundos sociais preexistentes e reeditá-los. Os procedimentos são autobiográficos onde a escrita fora a tônica, tais como: diários, portfólios, técnicas expressivas. Tudo isso, tendo por base a escrita e reescrita da criança que pensam ter sido como vistas a criança que desejam ressignificar.

Palavras-Chave: psicologia; autobiografias aprendentes; formação.

Introdução

O presente texto tem como objetivo socializar uma prática pedagógica que depois se tornou pesquisa. Ao longo do meu trabalho como professora formadora de futuros professores uma pergunta sempre me acompanhou: como tocá-los efetivamente? Como sensibilizá-los a tal ponto que possam reverter as “formas” instituídas de ser professor? Como fazer para que as teorias oriundas da psicologia sejam incorporadas na prática do futuro professor?

Então, na busca de pensar e promover a formação inicial de professores fui instituindo uma psicologia viva e encarnada através da qual as estudantes (na sua maioria do gênero feminino) poderiam apropriar-se de mundos sociais preexistentes e reeditá-los na singularidade do sujeito em formação. Estas são questões que de um tempo para cá estiveram presentes ao longo do meu trajeto na docência universitária. Sendo assim, na condição de

professora de Fundamentos da Educação, na área da psicologia, achei por bem, buscar nas estudantes do 1º semestre do Curso de Pedagogia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas/Brasil/RS), as matrizes formadoras e fundadoras ao longo da trajetória educativa, antes mesmo de ingressar na universidade.

Antes de mostrar qual a metodologia usada, antecipadamente quero esclarecer e defender que as histórias de vida **em formação** possibilita que cada um atribua o sentido do vivido de acordo com as suas experiências refletidas, como veremos no decurso deste texto, através de fragmentos referentes as narrativas das estudantes.

Método

Importante ressaltar que o objeto principal da Psicologia, no bloco temático Práticas Educativas I, era (e ainda é) trabalhar as concepções sobre o humano e as contribuições gerais das principais escolas psicológicas (comportamentalismo, Psicanálise, humanismo e interacionismos piagetiano e vigotskiano). Estas teriam como intuito principal pensar e problematizar ao trajeto formativo das alunas, em especial nas séries iniciais. Para tal, foram usados procedimentos (auto)biográficos no sentido de ajudá-las a reconstruir o trajeto de formação, tais como: portfólios, técnicas expressivas, escrita sobre fotografias familiares e escolares. Tudo isso, tendo por base a escrita e re-escrita de situações orientadas pelo professor. Cada aluna deveria ter um caderno, chamado de “diários de mim” para que registrassem as impressões da aula e como ressoou na sua história no que aprendera naquele dia. Desse modo, o uso da narrativa de si, entremeada aos estudos teóricos, fora a mola propulsora. Sobretudo, por entender que a escrita sobre a prática (no caso o trajeto escolar com prática refletida) pode ser o caminho para a autoria e busca de uma prática singularizada, uma vez que esta é uma das formas de ressignificação da escola e das professoras que tiveram.

As perguntas que Josso (2004, 2010) faz frequentemente em suas obras, são as seguintes: “Que é a formação do ponto de vista do sujeito?, Como se forma o sujeito, Como aprende o sujeito?”

Sabe-se que a palavra formação contém uma dificuldade semântica e também epistemológica. Semântica por designar tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal como o respectivo resultado. Epistemológica, por tratar de pontos de vistas teóricos que vão tentar dar conta, da melhor forma possível, do que vem a ser efetivamente formação. No entanto, não existe a mais certa, mas sim filiações que vamos aderindo a partir de nossas próprias histórias. Gosto da ideia defendida por Dominicé (2008) em Jean Paul Sartre, quando salienta que a formação depende do que cada um faz do que os outros quiseram, ou não quiseram fazer dele.

Talvez seja esse o exercício que Laura (uma das alunas) fez ao dizer:

Hoje entendo coisas, assim... Coisas que eu via na minha infância, na minha juventude, depois que eu comecei a fazer minhas escritas eu vejo com outros olhos. Eu sempre te disse... Que achava que eu tinha sido uma criança completamente infeliz e hoje eu vejo, assim, que eu fui muito feliz na minha infância, muito feliz mesmo. Olhando para trás eu vejo como a gente conseguia usar a imaginação e driblar toda aquela falta de recurso que a gente tinha... A pobreza, a falta de não ter tido, por exemplo, brinquedos fez com que a gente usasse a imaginação para fazer as coisas, para inventar, tanto que eu estou montando para um professor sobre brinquedos da infância.

Neste sentido, vimos apostando na formação inicial de professores a partir de uma modalidade que ultrapasse a instância, meramente, cognitiva e mensurável para superar as dualidades existentes entre o conhecimento sensível e conhecimento científico. Ou seja, das valorizações do que é da ordem das exterioridades em detrimento às interioridades. Isso tendo em vista, que sujeitos em processo de formação, neste caso formação inicial de professores, possam valorizar as biografias transformadas com o conhecimento acumulado. Por isso, considero que o trabalho investiu na emergência de um novo Eu como possibilidade de apontar para um novo Outro. Podemos dizer que tanto o ensino de uma psicologia encarnada

que aposte no fundamento autobiográfico como leitura de si e do outros, quanto a pesquisa (auto)biográfica, já superaram “a ideia de um mero modismo e de ‘ilusão biográfica’”. (Passeggi, 2010). Dizendo isso, estamos reforçando os estudos de António Nóvoa, um dos principais representantes das histórias de vida em formação, quando o autor salienta que as dimensões desta modalidade de pesquisa vão continuar causando “reviravoltas curiosas” (Nóvoa, 1992).

Tal movimento toma força nos anos 90 de acordo com as injunções que marcam a conjuntura histórico-social, política e econômica deste período. Os docentes vão assim sendo reconhecidos como portadores de um saber plural, crítico e interativo, fundado numa práxis. Anuncia-se um período de ressignificação da voz dos professores e eles passam do estatuto de objeto das análises para o de sujeito, proliferando-se os métodos biográficos. Dentre os autores fundamentais para tal virada, podemos citar com António Nóvoa, Mathias Finger, Franco Ferraroti, Pierre Dominicé, Michael Hubermann, Ivor Goodson e, posteriormente Marie-Christine Josso, dentre outros.

Segundo a pesquisadora Suíça, Marie-Christine Josso (2004), todo o ser humano passa por quatro buscas: a busca de felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou busca do ‘real’ e a busca de sentido. A história de um ser humano em devir, segundo Josso (op.cit) é a tarefa a que se deve colocar um formador-condutor ou o professor-condutor respondendo à demanda de formação que lhe é dirigida implícita ou explicitamente.

O grande movimento nos estudos direcionados para a formação de professores, a partir dos anos 80, desloca a centralidade das teorias e práticas pedagógicas para a mudança de eixo e de concepções. O precursor desse movimento na Europa foi o grupo de António Nóvoa através do projeto PROSALUS 86, onde a tônica era o trabalho com as histórias de vida na formação de gestores da formação para o estabelecimento e serviço do Ministério da Saúde. Este projeto surgiu da necessidade de dar a conhecer o público português a problemática das

Ciências da Educação e da formação de adultos. Daí surge o importante livro organizado por Antônio Nóvoa e Mathias Finger *O método (auto)biográfico e a formação*.

Isso quer dizer que a formação passa pela valorização da experiência de vida do sujeito (professor) e por que não começar na formação inicial a valorização do trajeto de formação como conteúdo para a futura docência? Sem dúvida, a experiência do trabalho docente é percebida como elemento de formação capaz de valorizar o papel dos saberes da experiência no meio de outros saberes. E as experiências do vivido como aluno em formação, desde as primeiras imagens-lembranças?

Influenciada pelos estudos anunciados e, também, pelas perspectivas que vimos trilhando no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPiEM/FAE/UFPel), apostamos que tal abordagem devesse adentrar nos cursos de formação inicial, com o intuito de trazer outros aportes para o trabalho junto a formação inicial de professores: o da biografização na perspectiva da (auto)formação. Como bem salienta Delory-Momberger (2008), a biografização do sujeito não se constitui apenas como uma história de algo que já passou. Esta prática revela, sobretudo, um ser-a-vir e um ser-para. Falar do passado, acessar as memórias impulsiona o sujeito para um querer-ser-para indefinidamente, ou pelo menos enquanto há memórias por lembrar. Com isso, ao construir a narrativa de mim, me distancio de mim mesmo, buscando subjetivar minha experiência social. E o que é isso, senão uma boa experimentação de uma forma do devir-professora?

Processos e teorias de sustentação

Para mais esclarecer devo dizer que o currículo do referido curso sofreu uma profunda reforma curricular em 2000 (com muitas reestruturações e avaliações de lá até os dias atuais), a qual rompia com a prática do trabalho disciplinar. Tinha como intuito aproximar áreas, aparentemente, dispares, primando pela teoria e prática trabalhando e conversando in locu na

sala de aula. Ficando os conteúdos disciplinares alocados em blocos temáticos. O currículo, deste modo, tinha como pressuposto que tais áreas estivessem unidas por um eixo norteador, que se estendia do 1º ao 8º semestre do curso. Meu trabalho estava (e ainda continua) localizado no 1º semestre, no bloco temático de Práticas Educativas I, que tinha como eixo norteador a Reconstrução da trajetória educativa. Foi então que o ensino da Psicologia se tornou prático, juntamente com a área de alfabetização e letramento. Portanto, a primeira experiência por mim realizada foi com estudantes do Curso de Pedagogia em 2000 (e continua até momento, com variações), com o objetivo de levar as alunas a se conhecer e a conhecer a própria história: em cada estudante há uma história singular e coletiva que, por isso, se entrelaça com a história do outro. Naquele momento, constatamos que o uso de narrativas como instrumento de ensino e de pesquisa poderia anunciar a possibilidade de outros aportes importantes na formação inicial de professores, trazendo à luz o que vai pulsando na vida de cada um.

Como é possível perceber a âncora teórica que sustentou este trabalho, além dos estudos das escolas psicológicas, refere-se ao legado dos estudos (auto)biográficos preconizados pelos autores que defendem as histórias de vida como um projeto (auto)formativo. Em especial, nos ancoramos na pesquisadora Suíça, Marie-Christine Josso (2004) que mostra a importância das histórias de vida em formação e, também em Christine Delory-Momberger (2008), através da noção de biografização. A partir destas autoras problematizei tais conceitos como sendo originários, também, dos aspectos cognitivos e sócio-históricos pelos quais nos apropriamos de mundos sociais preexistentes e damos continuidade à sua construção. É importante ressaltar que desde meu doutoramento (PERES, 1999) cunhei o conceito de “matriciamento” aplicado ao campo da formação docente. O intuito fora mostrar que somos movidos por forças que ainda não tornamos consciente. À luz dos estudos da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989), que prima pelas

potencialidades simbólicas, foi sendo mostrado e problematizado que ser matriciado significa carregar ao longo do processo de formação algumas imagens fundadoras das escolhas profissionais. Em linhas gerais, o conceito de matriciamento refere-se aos conteúdos existenciais que se tornam motores de buscas e de projetos de vida (Josso, 2004). Recentemente aprofundei-o no meu estágio pós-doutoral (2011/2012), com o intuito de problematizar as matrizes existenciais míticas e simbólicas, presentes no trajeto de formação que regem as escolhas profissionais de professores pesquisadores. Ou seja, este conceito está sendo aprofundado com o intuito de ampliar à formação continuada.

Marie-Christine Josso e Christine Delory-Momberger, são as duas âncoras que ajudaram a alavancar a minha prática na docência universitária, como professora de psicologia. Tal prática se tornou pesquisa com característica de estudo Longitudinal, com a publicação recente de um livro (Peres e Zanella, 2001), onde as alunas, sujeitos da pesquisa, também escreveram capítulos.

Na premissa de Josso (2004), somos atravessados por imagens fundadoras presentes na nossa autobiografia como potências que se constituem em fermento para o projeto (auto)formativo, pessoa e profissional. Christine Delory-Momberger (2008), com a noção de biografização nos mostra que a produção de práticas educativas eficazes só surge de uma reflexão da experiência pessoal partilhada entre os pares. Para ambas, a escola e sociedade são o locus privilegiado onde acontece o processo de formação e autoformação. E nesta medida, podemos dizer que a junção entre sociedade e escola podem ser o locus privilegiado de formação, principalmente de termos a figura do professor como mediador.

Quando se pesquisa a (auto)biografia de mãos dadas com a epistemologia oriunda da Psicologia na Educação, urge que qualquer tentativa de interpretação pressuponha um trabalho de apropriação e aprofundamento de dois grandes quesitos. Por um lado, os aspectos psíquicos como reservatório das representações humanas, por outro, os aspectos sociais e

culturais intimidadores de tais reservatórios como possibilidade de re-invenção de si. Sobretudo, quando estamos falando da formação de futuros professores.

Cada pessoa em formação vai traçando os contornos de si no decurso da apropriação dos conhecimentos construídos ao longo da formação inicial, rumo a formação profissional. Por isso, suspeito que não baste apenas trabalhar as teorias desencarnadas da história e da trajetória de quem aprende. A trajetória como aprendiz, em especial nos primeiros anos escolares, constitui-se em molas propulsoras das ações futuras. Daí a necessidade de ser problematizada no âmbito da Educação, neste caso específico, da formação inicial de professores.

A referida pesquisa desenvolvida entre 2006 e 2009, mostrou a importância desta perspectiva de estudo que prima pela teoria encarnada com suas imagens e lembranças (auto)biográficas. Vejamos o que as alunas, integrantes da pesquisa nos dizem:

Na primeira série, o que me marcou foi a falsa promessa feita pela professora, que prometeu voltar à escola e nunca mais apareceu. Acredito que este fato me tornou uma aluna tímida com relação ao meu comportamento voltado às professoras das séries seguintes. (Luisa)

Também vou falar um pouco da professora Jacira de história. Acho que foi na 7ª série[...] a minha irmã estava de aniversário, aí as colegas falaram para a professora que tínhamos que cantar os parabéns. Eu falei: - Ela está ficando (mais velha) um ano mais velha [...] A professora tirou os óculos do rosto e disse: Todos nós sempre ficamos mais velhos, ninguém fica mais novo, a cada dia que passa ficamos mais velhos, etc... Bem, como a professora falou isso tudo me olhando eu queria morrer, sentia a minha pele queimar, que comentário infeliz eu fui fazer! Aí eu passei a ter muito receio dessa professora, eu tinha medo de falar qualquer coisa e ela me passar outro sermão. (Neti)

Um colega chegou para mim e disse assim: “Eu não quero passar”. E a gente perguntou: “Mas porque não quer passar? Todo mundo quer passar”. Ele disse: “Eu não quero passar porque eu não gosto da professora do 2º ano”. Poxa, saber assim, que algum dia um aluno pode dizer isso de mim. Ah! Aquilo dói. Dá vontade de mudar isso. (Afrodity)

Estes fragmentos resultam das imagens e lembranças do tempo de escola, os quais emergiram durante uma discussão sobre os contributos da psicanálise freudiana para a subjetividade na relação professor e aluno.

Na tentativa de, sumariamente, mostrar algumas conclusões, devo dizer que foi possível perceber que ao longo da minha atuação como professora e pesquisadora, as representações sobre ser professor que habitam o imaginário das alunas, gravitam em torno das primeiras experiências escolares permeadas de crenças, valores, sonhos e dos significados atribuídos aos fatos. Sendo assim, o ir e vir em busca de um projeto (auto)formativo pode passar pelo trabalho com histórias de vida na perspectiva da biografia educativa. Isso porque pensamos que esta abordagem possibilita que cada um atribua o sentido do vivido de acordo com as suas experiências refletidas. Em outras palavras, quero salientar a importância de “uma psicologia encarnada na busca de outros modos para pensar e fazer a formação inicial de professores”, tendo a autobiografia como projeto (auto)formativo para refletir constantemente sobre o nosso ser/estar no mundo. Desse modo, optamos por um olhar, para dentro e para fora, para sentir e discernir sobre o que é essencial no percurso de autoformação e no convívio com os demais. Entretanto, isso não é decorrente de uma ação simples e linear, mas de imensas e profundas complexidades.

Ao narrar sua história vivida o sujeito tem a oportunidade de repensar seus atos, questioná-los e dar-se a chance de trilhar diferentes caminhos bem como de valorizar-se como formador de sua própria história. É um exercício de reflexão sobre o que foi vivido, transformando as vivências em experiências, conforme Josso (2004) defende: “estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.” (p.48)

Essas premissas de (auto) formação, que permite ao ser tomar consciência da existência da possibilidade de ressignificar sua trajetória, possibilitou a mim um novo olhar sobre o passado, em especial minha infância. Através desses estudos foi possível perceber a riqueza daqueles momentos e que os sonhos tão distantes, hoje são reais. Nas palavras de Mombberger:

Aprender e apropriar-se dos saberes, seja qual for sua natureza, é, em graus diversos, retocar, revisar, modificar e transformação um modo de ser no mundo, um conjunto de relações com os outros e consigo mesmo; é, de maneira mais ou menos sensível, lançar novos olhares sobre seu passado e sobre suas origens, projetar ou sonhar, de outro modo, seu futuro, biografar-se de outro modo. (Delory-Momberger, 2008, p.138)

No sentido de dar novo estatuto às histórias de vida em formação e as teorias (auto)formativas, vamos alavancando seu grande valor à educação, pois permite ao docente ressignificar e até superar fatos negativos de sua vida escolar, afetando assim sua postura em sala de aula. Segundo Peres (2010), “as tensões do projeto autoformativo nas intimações do imaginário nada mais é do que a busca de novos caminhos que possam conduzir à compreensão e à superação daquilo que chamamos realidade.” (p.13)

Referências

- Delory - Momberger, C. (2008). *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- Dominicé, P. (2008). *Biografização e mundialização: dois desafios contraditórios e complementares*. In PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. *(Auto) biografia: formação, territórios e saberes*. Natal RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS.
- Josso, M. – Christine. (2004). *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.
- Josso, M. – Christine. (2010). *Caminhar para si*; trad. Albino Pozzer; coordenação Maria Helena Menna Barreto. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Passeggi, M. C. (2010). *Narrar é humano! Autobiografar é um processo Civilizatório*. In PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA Vivan Batista (orgs). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura acadêmica. 232 p. (Série Artes de viver, conhecer e formar).
- Peres, L. M. V (1999) *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: FAGED/UFRGS.
- Peres, L. M. V.(2010). *As tensões do projeto autoformativo nas intimações do imaginário: predestinações (na vida e na docência) do humano*. In: ENDIPE - *Convergências e Tensões no Campo da Formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais*, Belo Horizonte.
- Peres, L. M. V & Zanella, A. K. (2011). *Escritas autobiográficas educativas...O que dizemos e o que elas dizem?* Curitiba – Brasil: Editora CRV.